

Guia da Faculdade

O ESTADO DE S. PAULO

SÁBADO, 28 DE OUTUBRO DE 2023

Leia o Guia da Faculdade completo



FOTO: CIBELE BARRETO



Preparados para ser 360°

Universidades têm grade curricular cada vez mais recheada para que alunos cheguem ao mercado de trabalho com formação completa

Alunos da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP)

Por Lara De Novelli

Se na época em que os baby bommers (1940 - 1959) chegavam à universidade havia o dilema entre seguir a profissão escolhida pelos pais ou a vocação, a geração X (1960 - 1979) enfrentava o desafio de escolher um caminho que garantisse acima de tudo a segurança financeira, ou seja, uma profissão que pudesse prover o sustento da família. Já para os millenials (1980 - 1994) a questão era outra: eles valorizavam o dinheiro e o conforto, é claro, mas queriam escolher um caminho que trouxesse satisfação não apenas financeira. Realização pessoal e tempo livre estavam na sua lista de prioridades.

Há quem diga que a vida dos vestibulandos zoo-

mers (nascidos entre 1995 e 2010) é moleza, afinal eles têm acesso a mais recursos e até a novas profissões, que décadas atrás sequer tinham sido inventadas. O senso comum garante, ainda, que para eles é tudo muito mais fácil - será?

Nas próximas páginas, vamos tentar entender o que mudou nos últimos anos, tanto entre os estudantes, quanto nas universidades. Os alunos são mais diversos e os cursos, menos presenciais; as instituições, mais descentralizadas; as metodologias, interdisciplinares e com o desafio de desenvolver profissionais técnicos, tecnológicos, autônomos, críticos, mas também empáticos, corajosos, comunicativos, seguros, generosos, organizados e

ousados. E inovadores, muito inovadores.

As mudanças não se dão à toa nem chegam sozinhas, mas por pressão e necessidade da sociedade. Quem está entrando na faculdade agora deve ingressar no mercado de trabalho como especialista um pouco antes da virada para a próxima década.

A urgência e a velocidade das mudanças tanto encantam como assombram as gerações. Como e quão ainda mais complexo será o mercado de trabalho nesse futuro próximo? O que vai ser exigido dos profissionais?

O que não muda é que o mundo continua tão desafiador quanto fascinante para os X, os Y e os Z.

Realização:

Patrocínio:

Apoio:



FOTO: ADOBE



Políticas de ações afirmativas e EaD mudaram o perfil dos universitários no Brasil

Por Amanda Nonato
e Isabella Baliana

Uma década de transformações no ensino superior

Dos alunos aos professores, dos cursos às instituições, muita coisa mudou nas universidades em 10 anos. Conheça a nova cara da nossa graduação

Um ensino superior mais diverso e menos presencial. Em uma frase, esse seria o resumo das mudanças pelas quais nossas faculdades e universidades passaram entre 2012 e 2022 — ano do último Censo da Educação Superior disponível. Estes 10 anos foram suficientes para uma mudança significativa nos perfis de alunos, professores, cursos e das próprias instituições.

Vários fatores influenciaram nesse processo: avanços tecnológicos, atualizações no mercado de trabalho, uma pandemia global que acelerou a modificação de muitos hábitos, e leis criadas, como a das cotas, que para Leopoldina Veras, presidente do Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif), mudou a realidade não só das instituições, mas também dos alunos que tiveram acesso, de suas famílias, que muitas vezes comemoraram a primeira geração de universitários, de suas comunidades e do desenho da economia do local onde vivem.

As instituições

Entre 2012 e 2022 foram criadas 171 novas instituições privadas de ensino superior no País, ante 8 públicas. Absorvendo 78% dos estudantes matriculados, são as faculdades e universidades privadas

que estão puxando o acesso ao ensino superior. Essa grande diferença fica mais compreensível quando se analisa junto o crescimento do EaD e dos cursos superiores tecnológicos (de curta duração) durante o mesmo período.

Do ponto de vista da distribuição das instituições (públicas e privadas) pelo País, as Regiões Norte, Centro-Oeste e, principalmente, Nordeste ganharam opções para os universitários. Um sinal de que o ensino superior está ficando menos centralizado.

Os cursos

Quando olhamos a evolução nos cursos superiores, a mudança que mais impressiona é em relação à modalidade de ensino. O número de estudantes matriculados em cursos a distância (EaD) quase quadruplicou, enquanto

nos cursos presenciais houve uma redução de 14%, segundo dados do Censo da Educação Superior. O número de cursos EaD passou de 1.148 em 2012 para 9.186 em 2022.

A trajetória crescente da modalidade começou há mais tempo, mas a pandemia de covid-19, a partir de 2020, acelerou essa transição, aumentando a capilaridade do ensino superior. “O que esperamos é que os cursos ofertados em EaD tenham a qualidade que garanta a formação do profissional e que realmente o prepare para o mundo do trabalho”, afirma Leopoldina Veras, presidente do Conif.

Outra mudança que ocorreu foi na relação dos cursos mais procurados do País. Entre as dez graduações mais populares para os ingressantes no ensino superior, saíram Engenharia Civil, Serviço Social e Empreendedorismo; por outro lado, entraram Sistemas de Informação, Educação Física e Biomedicina. E o curso número 1 em 2022 foi Pedagogia, posto que era ocupado por Administração em 2012.

Os alunos

A principal alavanca para essas mudanças foi a implementação da Lei de Cotas, que reserva vagas em universidades públicas para estudantes pretos, pardos e indígenas e, também, oriundos de escolas públicas.

O perfil dos estudantes que ingressam no ensino superior no Brasil começou a se transformar impulsionado por políticas afirmativas e mudanças sociais significativas.

Pelos dados do Censo da Educação Superior, entre

2012 e 2022, o percentual de alunos brancos matriculados recuou 10 pontos, abrindo espaço para uma maior presença de negros (pretos e pardos) que hoje respondem por 46% do total dos universitários, ante 35% em 2012.

Outra forma de inclusão que ganhou força foi a acessibilidade para estudantes com algum tipo de deficiência. A participação desse grupo de alunos no total de matriculados mais que dobrou em 10 anos, principalmente devido a novas regulamentações, exigindo mais condições de acesso nas instituições (leia mais nas páginas 8 e 9).

Os professores

Se há algo que mudou no perfil dos docentes das universidades e faculdades, é a exigência de um nível de formação acadêmica cada vez maior. O percentual de professores do ensino superior com doutorado cresceu tanto na rede pública (+38%) como na rede privada (+84%), além de ter caído praticamente pela metade, o percentual de docentes que tinham apenas uma especialização como grau máximo de formação.

Veja mais dados acessando o QR Code



PARTICIPAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES

- Todas as instituições de ensino superior cadastradas no Ministério da Educação (universidades, centros universitários, faculdades e institutos) são convidadas para fazer parte do **Guia da Faculdade**.
- Depois de se cadastrar para participar da avaliação, elas indicam todos os cursos superiores que estão recebendo novos alunos.

INFORMAÇÕES UTILIZADAS

- O coordenador de cada curso que será avaliado recebe um questionário no qual pode apresentar as principais características da sua graduação, com foco em três aspectos:

Projeto pedagógico - características da proposta de ensino do curso
Corpo docente - perfil dos professores vinculados ao curso
Infraestrutura - condições de materiais e equipamentos oferecidos

- Existem modelos diferentes de questionários para os cursos presenciais e para os cursos a distância. Esses questionários servem de base para os avaliadores darem suas notas para os cursos

CURSOS AVALIADOS

- Tanto os cursos da modalidade presencial como os da modalidade a distância são avaliados. Mas não são todas as graduações que entram no processo de avaliação. Para serem analisadas, elas precisam ter pelo menos uma primeira turma com alunos já formados, o que permite que o curso seja mais bem conhecido pela comunidade acadêmica em geral.

- O **Guia da Faculdade** avalia os cursos de acordo com as cidades nas quais são oferecidos. Se a mesma instituição de ensino oferece o curso de Administração em várias cidades, cada um deles recebe uma nota específica. Caso ofereça o mesmo curso em diferentes unidades em uma mesma cidade, apenas o curso mais antigo da naquele município é avaliado.

As estrelas do ensino superior brasileiro

Antes de saber quais são os melhores cursos do País em 2023, entenda como o 'Guia da Faculdade' faz anualmente sua pesquisa

Por Quero Educação

RESULTADO FINAL

- A maior e a menor notas recebidas pelo curso são descartadas. O resultado numérico do curso em 2023 é a média das notas intermediárias restantes
- O resultado numérico de 2023 (com peso 3) é somado ao resultado numérico de 2022 (peso 2) e ao resultado de 2021 (peso 1) para se extrair o resultado numérico final de cada curso. Se um curso não foi avaliado em um dos anos anteriores, esse ano é desconsiderado da sua média final

- O resultado numérico final é transformado em estrelas de acordo com as seguintes faixas de conversão:

entre 5 e 4,50 - 5 estrelas

menor que 4,50 a 3,50 - 4 estrelas

menor que 3,50 a 2,50 - 3 estrelas

menor que 2,50 - não estrelado

AVALIADORES E NOTAS

- São mais de 10,5 mil coordenadores e professores do ensino superior brasileiro que se cadastraram para atuar como avaliadores do **Guia da Faculdade**. É um trabalho voluntário, sem remuneração

- Os avaliadores são acionados para dar notas aos cursos das suas áreas de formação e de instituições prioritariamente localizadas na mesma região do País na qual trabalham

- Eles são convidados a dar três notas (de 1 a 5) para cada curso: **Para a qualidade do projeto pedagógico**
Para a qualidade do corpo docente
Para a qualidade da infraestrutura

- Cada curso é distribuído para a avaliação de seis professores

- Caso um curso não receba pelo menos quatro notas de avaliadores, ele é considerado como "sem nota" na avaliação

- Um curso só pode ganhar ou perder 1 estrela de um ano para o outro da avaliação
- Ao final da avaliação, os cursos são apresentados de acordo com os seguintes conceitos:
 - ★★★★★ 5 estrelas (excelente)
 - ★★★★☆ 4 estrelas (muito bom)
 - ★★★☆☆ 3 estrelas (bom)
 - Não estrelado
 - Sem notas

Os melhores cursos EaD

Os conceitos podem ser:

★★★★★ 5 estrelas (excelente) ★★★★☆ 4 estrelas (muito bom) ★★★☆☆ 3 estrelas (bom)
 Titulação: L - Licenciatura

Administração

★★★★★

Braz Cubas, Católica SC, Fatene-Caucaia, Fipecafi, FSG, PUC Minas, PUCPR, Senac-SP, UCDB, UCP-RJ, UCS, UFMA, UFPI, UMC, Una Aimorés, UniEvangélica, Unifran, Unigran, Unigranrio, Uningá, Uninta, Unisinos, Unisuam, Universidade Cruzeiro do Sul, UP, UVA-RJ

Análise e Desenvolvimento de Sistema

★★★★★

FAQI (T), Impacta (T), Mackenzie (T), PUCPR (T), Senac-SP (T), Unifaa (T), Unilasalle (T), Unimar (T), Univem (T), Univeritas-Guarulhos (T)

Ciências Contábeis

★★★★★

FAG-PR, Fipecafi, FTM, PUC Minas, PUCPR, UCB, UCDB, UCS, UFRJ, Ulbra, Uniara, UniEvangélica, UniFCV, Unifran, Unijorge, Uningá, Uninter, Unisinos, Unisul,

Univali, Univem, Universidade Cruzeiro do Sul

Educação Física

★★★★★

UEPG (L), UFJF (L), Unicid, UniFCV, Unifran (L), Unijuí (L), Unit

Gestão de RH

★★★★★

Mackenzie (T), Unimar (T), Univali (T)

Letras

★★★★★

Ufes (L), UFU (L)

Logística

★★★★★

Braz Cubas (T), Estácio (T), FAM-São Paulo (T), FMU (T), Mackenzie (T), Metodista (T), Newton Paiva (T), PUCPR (T), Senac-SP (T), UBM (T), UCB (T), UCS (T), UDC Sede (T), UMC (T), UniAndrade (T), Uniara (T), Unifaat (T), Unifacvest (T), Unifran (T), Unigranrio (T), Unijorge (T), Unimar (T), Unimes

(T), Uninta (T), Uninter (T), UniOpet (T), Unis-MG (T), UNISAL (T), Unisinos (T), Unisuam (T), Unita (T), Univali (T), Universidade Ceuma (T), Universidade Cruzeiro do Sul (T), Unoeste (T), Unopar (T), UVA-RJ (T)

Pedagogia

★★★★★

Mackenzie (L), UnB (L)

Serviço Social

★★★★★

Braz Cubas, UCB, Uniara, Unicid, Unilasalle

Sistemas de Informação

★★★☆☆

Fumec, Newton Paiva, UFPI, Unicid, Unicnec, Unifran

Os melhores cursos Presenciais

Administração

★★★★★

Rio de Janeiro: FGV, Porto Alegre: Unisinos, São Leopoldo: Unisinos, Florianópolis: UFSC, Jaboticabal: Unesp, Piracicaba: USP, Ribeirão Preto: USP, São Paulo: FGV, São Paulo: Ibmecc-SP, São Paulo: Mackenzie, São Paulo: USP, Sorocaba: UFSCar

Agronomia

★★★★★

Lavras: Ufla, Muzambinho: IFSulde Minas, Uberlândia: UFU, Viçosa: UFV, Chapadão do Sul: UFMS, Recife: UFRPE, Londrina: UEL, Campos dos Goytacazes: Uenf, Mossoró: Ufersa, Capão do Leão: Ufpel, Porto Alegre: UFRGS, Santa Maria: UFSC, Araras: UFSCar, Botucatu: Unesp, Dracena: Unesp, Jaboticabal: Unesp, Piracicaba: USP

Arquitetura e Urbanismo

★★★★★

Belo Horizonte: UFMG, João

Pessoa: UFPP, Campinas: Unicamp, São Carlos: USP, São Paulo: Mackenzie, São Paulo: USP

Ciências Contábeis

★★★★★

Fortaleza: Unifor, Curitiba: PUCPR, Pato Branco: UTFPR, Niterói: UFF, Florianópolis: UFSC, Ribeirão Preto: USP, São Paulo: Fecap, São Paulo: USP

Direito

★★★★★

Brasília: UnB, Belo Horizonte: UFMG, Curitiba: UFPR, Rio de Janeiro: FGV, Rio de Janeiro: UERJ, Porto Alegre: FMP-RS, Santa Maria: UFSC, Campinas: PUC-Campinas, Ribeirão Preto: USP, São Paulo: PUC-SP, São Paulo: USP

Educação Física

★★★★★

Brasília: UnB, Belo Horizonte: UFMG, Belo Horizonte: UFMG (L), Juiz de Fora: UFJF,

Continua na pág. 6 ▶

PARCERIA ESTADÃO / QUERO EDUCAÇÃO

O **Guia da Faculdade** nasceu de uma parceria, fechada no final de 2018, entre o **Estadão** e uma das principais startups da área educacional do País, a **Quero Educação**, empresa com sede em São José dos Campos (SP). No projeto do **Guia**, coube à equipe da **Quero** a montagem de todo o processo da avaliação

de cursos, incluindo a definição da metodologia utilizada, coleta de informações das instituições de ensino, montagem do banco de avaliadores e tabulação dos dados obtidos. Os resultados finais da avaliação são divulgados com exclusividade pelo **Estadão** em suas diversas plataformas.

EQUIPE RESPONSÁVEL NA QUERO EDUCAÇÃO

Líder do projeto
Fabio Volpe

Pesquisadores
Carolina Moradei, Davi Jehá, Elisangela Barros, Matheus Campos e Victória Pereira

Líder de pesquisa
Felipe Pedreira

Repórteres
Amanda Nonato, Isabella Baliana, João Marcondes e Leonardo Messias

Muzambinho: IFSuldeminas (L), **Viçosa:** UFV (L), **Campo Grande:** UFMS, **Curitiba:** PUCPR, **Curitiba:** UFPR, **Porto Alegre:** PUCRS, **Porto Alegre:** UFRGS, **Porto Alegre:** UFRGS (L), **Florianópolis:** Udesc, **Florianópolis:** UFSC, **Florianópolis:** UFSC (L), **Bauru:** Unesp, **Bauru:** Unesp (L), **Campinas:** PUC-Campinas, **Campinas:** Unicamp, **Campinas:** Unicamp (L), **Presidente Prudente:** Unesp (BL), **Ribeirão Preto:** USP, **Rio Claro:** Unesp (BL), **Santos:** Unifesp, **São Carlos:** UFSCar (L), **São Paulo:** Senac-SP (L), **São Paulo:** USP, **São Paulo:** USP (BL)

Enfermagem

★★★★★
Belo Horizonte: UFMG, **Cuiabá:** UFMT, **Teresina:** UFPI, **Londrina:** UEL, **Porto Alegre:** UFRGS, **Campinas:** Unicamp (L), **Ribeirão Preto:** USP, **Ribeirão Preto:** USP (BL), **São Paulo:** Unifesp, **São Paulo:** USP (BL)

Eng. Civil

★★★★★
Belo Horizonte: UFMG, **Lavras:** Ufla, **Uberlândia:** UFU, **Pombal:** UFCG, **Curitiba:** UFPR, **Rio de Janeiro:** UFRJ, **Porto Alegre:** UFRGS, **Campinas:** Unicamp, **São Carlos:** UFSCar, **São José dos Campos:** ITA, **São Paulo:** USP

Eng. de Produção

★★★★★
Itajubá: Unifei, **Rio de Janeiro:** UFRJ, **Porto Alegre:** UFRGS, **Itapeva:** Unesp, **Limeira:** Unicamp, **São Carlos:** UFSCar, **São Carlos:** USP, **São Paulo:** USP

Eng. Mecânica

★★★★★
Brasília: UnB, **Itajubá:** Unifei, **Belém:** UFPA, **Curitiba:** UFPR, **Curitiba:** UTFPR, **Rio de Janeiro:** UFRJ, **Florianópolis:** UFSC, **Joinville:** UFSC, **Campinas:** Unicamp, **Guaratinguetá:** Unesp, **São Carlos:** UFSCar, **São Carlos:** USP, **São José dos Campos:** ITA, **São Paulo:** USP

Farmácia

★★★★★
Maringá: UEM, **Porto Alegre:** UFRGS, **Campinas:** Unicamp, **Ribeirão Preto:** USP, **São Paulo:** USP

Fisioterapia

★★★★★
Belo Horizonte: UFMG, **Campo Grande:** UFMS, **Belém:** UFPA, **Curitiba:** PUCPR, **Porto Alegre:** UFRGS, **Ribeirão Preto:** Unaerp, **São Paulo:** USP

Letras

★★★★★
Goiânia: UFG, **São Luís:** UFMA (L), **Belo Horizonte:** UFMG, **Belo Horizonte:** UFMG (L), **Juiz de Fora:** UFJF (L), **Lavras:** Ufla (L), **Uberaba:** UFTM (L), **Campo Grande:** UFMS (L), **Cajazeiras:**

UFMG (L), **Recife:** UFRPE (L), **Curitiba:** UFPR (L), **Foz do Iguaçu:** Unila (L), **Ponta Grossa:** UEPG (L), **Realeza:** UFFS-PR (L), **Niterói:** UFF (L), **Rio de Janeiro:** PUC-Rio, **Rio de Janeiro:** PUC-Rio (L), **Bento Gonçalves:** IFRS (L), **Porto Alegre:** PUCRS (L), **Porto Alegre:** UFRGS, **Porto Alegre:** UFRGS (L), **Santa Maria:** UFSM, **Chapecó:** UFFS-SC (L), **Campinas:** PUC-Campinas (L), **Campinas:** Unicamp, **Campinas:** Unicamp (L), **Guarulhos:** Unifesp Letras (português e francês), **Guarulhos:** Unifesp Letras (português e inglês), **Guarulhos:** Unifesp Letras (português), **Guarulhos:** Unifesp (L) Letras (português e espanhol), **Guarulhos:** Unifesp (L) Letras (português e francês), **Guarulhos:** Unifesp (L) Letras (português e inglês), **Guarulhos:** Unifesp (L) Letras (português), **São Carlos:** UFSCar (L), **São José do Rio Preto:** Unesp (L), **São Paulo:** IFSP (L), **São Paulo:** Mackenzie (L), **São Paulo:** USP (BL)

Medicina

★★★★★
Belo Horizonte: UFMG, **Londrina:** UEL, **Rio de Janeiro:** UFRJ, **Porto Alegre:** PUCRS, **Botucatu:** Unesp, **Campinas:** Unicamp, **Ribeirão Preto:** USP, **São Paulo:** Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein, **São Paulo:** Unifesp, **São Paulo:** USP

Medicina Veterinária

★★★★★
Goiânia: UFG, **Belo Horizonte:** UFMG, **Lavras:** Ufla, **Uberlândia:** UFU, **Viçosa:** UFV, **Teresina:** UFPI, **Londrina:** UEL, **Capão do Leão:** Ufpel, **Porto Alegre:** UFRGS, **Araçatuba:** Unesp, **Botucatu:** Unesp, **Jaboticabal:** Unesp, **Pirassununga:** USP, **São Paulo:** USP

Nutrição

★★★★★
Goiânia: UFG, **Alfenas:** Unifal-MG, **Viçosa:** UFV, **Porto Alegre:** UFCSPA, **Florianópolis:** UFSC, **Ribeirão Preto:** USP, **São Paulo:** USP

Odontologia

★★★★★
Araçatuba: Unesp, **Araraquara:** Unesp, **Bauru:** USP, **Piracicaba:** Unicamp, **Ribeirão Preto:** USP, **São José dos Campos:** Unesp, **São Paulo:** USP

Pedagogia

★★★★★
Maceió: UFAL (L), **Maceió:** UFC (L), **Maceió:** UnB (L), **Goiânia:** PUC Goiás (L), **São Luís:** UFMA (L), **Belo Horizonte:** UFMG (L), **Diamantina:** UFMJM (L), **Governador Valadares:** Univale-MG (L), **Lavras:** Ufla (L), **Mariana:** Ufop (L), **Viçosa:** UFV (L), **Campo Grande:** UCDB (L), **Campo Grande:** UFMS (L), **Curitiba:** PUCPR (L), **Curitiba:** UFPR (L), **Francisco Beltrão:**

Unioeste (L), **Maringá:** UEM (L), **Ponta Grossa:** UEPG (L), **Angra dos Reis:** UFF (L), **Angicos:** Ufersa (L), **Santa Maria:** UFSM (L), **São Leopoldo:** Unisinos (L), **Abelardo Luz:** IFC (L), **Blumenau:** Ufsc (L), **Florianópolis:** UFSC (L), **Palhoça:** IFSC (L), **Itabaiana:** UFSC (L), **Bauru:** Unesp (L), **Campinas:** PUC-Campinas (L), **Campinas:** Unicamp (L), **Guarulhos:** Unifesp (L), **Ribeirão Preto:** USP (L), **Santos:** Unisantos (L), **São Carlos:** UFSCar (L), **São José do Rio Preto:** Unesp (L), **São Paulo:** Mackenzie (L), **São Paulo:** PUC-SP (L), **São Paulo:** USP (L), **Sorocaba:** UFSCar (L)

Psicologia

★★★★★
Fortaleza: Unifor, **Jataí:** UFJ, **Belo Horizonte:** PUC Minas, **Belo Horizonte:** UFMG, **Juiz de Fora:** UFJF, **Curitiba:** UFPR, **Londrina:** UEL, **Porto Alegre:** UFRGS, **Bauru:** Unesp, **Ribeirão Preto:** USP, **Santos:** Unifesp, **São Carlos:** UFSCar, **São Paulo:** Mackenzie, **São Paulo:** Mackenzie (L), **São Paulo:** PUC-SP, **São Paulo:** USP (BL), **Psicologia (Psicólogo)**

Sistemas de Informação

★★★★★
Belo Horizonte: UFMG, **Recife:** UFRPE, **Curitiba:** UTFPR, **São Leopoldo:** Unisinos, **Florianópolis:** UFSC, **São Paulo:** Fiap

A revolução ‘atípica’ nas universidades

Inclusão de pessoas neurodivergentes ganha força no ensino superior com a criação de novas políticas lideradas por elas

Por Vanessa Selicani

Novas leis, políticas de inclusão e o aparecimento de grupos organizados estão dando vida nova para a participação de jovens neurodivergentes no ensino superior. Neurodivergente é o termo utilizado para falar de quem tem padrões de organização da mente diferentes dos neurotípicos, como é o caso de quem tem transtorno global do desenvolvimento, como autismo, hiperatividade e déficit de atenção, por exemplo.

Por muitos anos, a discussão sobre inclusão na educação se limitou ao ensino básico. “Os transtornos não desaparecem na vida adulta. E discutir políticas para incluir essas pessoas no ensino superior e no mercado de trabalho é um passo enorme”, afirma o estudante de Medicina na Universidade Metropolitana de Santos (Unimes), Arthur Ataide Ferreira Garcia, de 20 anos.

O universitário, diagnosticado com autismo desde os 9 anos de idade, foi o quinto colocado no processo seletivo realizado no ano passado na instituição, uma grande vitória para quem era ridicularizado até por professores. “A primeira vez que respondi para uma professora que queria ser médico, ela disse que pessoas como eu, autistas, só chegavam aos hospitais para internações em sanatórios.”

Acesso e respeito

Garcia é autor do texto da Lei Estadual 17.759/2023, apresentada na Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp) pela deputada Solange Freitas (União Brasil) e sancionada em setembro. A legislação determina que jovens com autismo e outros transtornos globais de desenvolvimento tenham direito a avaliação individualizada nas redes de ensino pública e privada. O acesso a avaliações que respeitem as neurodivergências de cada um é uma das principais reivindicações desse público.

O estudante do último ano da Faculdade de Direito da USP Silvano Furtado da Costa e Silva, 24 anos, explica que cada neurodivergente tem necessidades específicas. “Tive professores que me diziam que era nítido que eu tinha o conhecimento, mas que isso não era refletido nas provas. Cada autista pode ter uma necessidade diferente para me-

dir seu conhecimento.” Ele recebeu o diagnóstico quando já estava na universidade, aos 20 anos.

Silva não se sentia compreendido na instituição e resolveu se posicionar publicamente no fim de 2020. “Disse em uma audiência que não pisaria ali de novo após me formar se a avaliação não mudasse.” Após o episódio, teve o aval da faculdade para criar uma política permanente de acessibilidade pedagógica, em que cada estudante neurodivergente pode escolher a forma como quer ser avaliado. “No meu caso, por exemplo, não faço provas, mas um trabalho escrito em casa.”

Foi a ação na Faculdade de Direito da USP que inspirou a criação da lei estadual sancionada em setembro e que incentivou também outras instituições a adotar medidas parecidas. “É muito simbólico que umas das faculdades mais antigas do País, criada há quase 200 anos, tenha conseguido sair na vanguarda do tema”, diz o estudante.

Mais fortes

Desde o ano passado, Silva e Garcia uniram suas forças pela inclusão com a fundação da Associação Nacional para Inclusão das Pessoas Autis-

tas (Ania/BR). A organização tem representantes de 40 outras instituições de ensino superior comprometidos em trocar experiências para melhorar o tratamento dado às pessoas neurodivergentes.

“A gente tenta mostrar que, se até a mais tradicional faculdade do País, que é a Faculdade de Direito da USP, consegue se reinventar na forma de dar aula, por que as outras não conseguiriam?”, diz o presidente da Ania/BR, Guilherme de Almeida, 41 anos, doutorando em Educação pela Unicamp e que teve o diagnóstico de autismo aos 37 anos.

A associação trabalha em parceria com a Universidade de Stanford, na Califórnia, Estados Unidos. “Os pesquisadores de lá têm protocolos que aqui ainda testamos mais por instinto.” Além das avaliações individualizadas, Almeida cita programas simples criados pela instituição e que podem auxiliar na inclusão. “Um deles é o trabalho de mentoria. Os estudantes que chegam na universidade recebem o apoio de veteranos que também têm alguma neurodivergência. Ele é um mediador que sabe dos desafios e vai dividir experiências.”

Por um ensino mais inclusivo

A busca por outras pessoas neurodivergentes na universidade é um dos principais pontos levantados pela Associação Nacional para a Inclusão das Pessoas Autistas (Ania/BR) para facilitar a adaptação de quem está chegando agora ao ambiente. “Buscar um grupo de apoio e, se não encontrar, crie o seu”, aconselha o presidente da instituição, Guilherme de Almeida. Os coletivos existem em universidades como a USP e a UnB (Universidade de Brasília).

Para o estudante de Medicina Arthur Ataide Ferreira Garcia, as pessoas neurodivergentes não devem subestimar sua capacidade, nem esconder dificuldades. “Cada pessoa é única e pode sim precisar de suporte que os outros não necessitam. Respeitar as dificuldades é um passo importante. Não tenha medo de reivindicar, é um

direito seu.” Silvano Furtado da Costa e Silva, da Faculdade de Direito da USP, afirma que é importante lembrar que os desafios vão existir, já que o ambiente universitário não foi feito pensando nessas pessoas. “Agora, há leis para as adaptações, não é um favor. E casos de resistência podem ser judicializados.”

Rota de mudança

As universidades públicas federais são pioneiras em adotar cotas para pessoas com deficiências, que incluem tanto questões de mobilidade, cegueira e surdez como autistas e estudantes com outros transtornos. Dados do Censo da Educação Superior 2022 divulgados neste mês pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) mostram que 2.059 pessoas com deficiência in-

gressaram por meio de cotas naquele ano.

Em toda a rede pública e privada, são 79 mil pessoas com deficiência matriculadas, 0,8% do total de estudantes. Apenas 8.300 deles têm deficiência cognitiva e 6.000 têm Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), que inclui, por exemplo, autistas.

A Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) mantém cotas também na pós-graduação, mas que não são atingidas. “Sobram vagas, que acabam indo para a ampla concorrência”, explica a coordenadora de integração acadêmica da instituição, Marisa Sacaloski.

A Unifesp reforçou as políticas de inclusão de pessoas neurodivergentes em 2018, com a criação dos primeiros núcleos temáticos. “Hoje, os estudantes com necessidades especiais fazem os apontamentos do que precisam quando entram e nós aplicamos os pedidos. Mas é importante lembrar que a educação inclusiva é uma novidade no ensino superior. Por isso, alguns docentes ainda têm dúvidas práticas sobre como operacionalizar as mudanças.”



Guilherme de Almeida (à esquerda), Silvano Furtado da Costa e Silva (no centro) e Arthur Ataide Ferreira Garcia na Faculdade de Direito da USP

FOTO: CIBELE BARRETO

Em busca do pensamento crítico e da autonomia

Metodologias ativas como gamificação e cultura maker desenvolvem habilidades desejadas pelo mercado de trabalho em universitários



FOTO: DIEGO PADGURSKI

Letícia Pereira já aplica competências desenvolvidas no curso de Engenharia Civil em estúdio

Por Ângela Correa

“Qual será o tema de hoje?” Isso não costuma ser dúvida na rotina de estudantes em universidades adeptas à sala de aula invertida, uma das técnicas mais conhecidas das metodologias ativas, que, no ensino superior, antecipam dilemas do mercado de trabalho. Com a introdução das metodologias nas faculdades, saem longas aulas expositivas e entram técnicas como aprendizagem baseada em problemas, em projetos e em equipe, além de gamificação, cultura mão na massa e ferramentas colaborativas. Todas desenvolvem a autonomia e a capacidade de resolução de problemas.

Os ganhos podem ser medidos desde os primeiros semestres. “O principal é fazer o aluno perceber que é capaz de aprender dependendo menos do professor. Enfrentando desafios e interagindo, se pode alcançar novo nível de compreensão do mundo”, avalia Octavio Matta-

soglio Neto, presidente da Academia de Professores do Instituto Mauá de Tecnologia, de São Paulo, que utiliza a metodologia.

Também há resultados na maneira com que se absorvem as informações. “Há estudos mostrando que em aulas expositivas o aluno retém 20% do conteúdo enquanto que, em aulas colaborativas, esse número chega a 70%”, diz Elda Stafuzza Pires, coordenadora acadêmica da graduação em Medicina da Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein, de São Paulo, que utiliza metodologias colaborativas desde a sua criação, há oito anos.

Infraestrutura

O Instituto Mauá de Tecnologia implementa o modelo desde 2015 e adaptou espaços físicos. Salas de aula foram repaginadas: ganharam dois projetores e telas que garantem a visão de diversos pontos do ambiente, painéis e lousas em to-

das as paredes para uso dos alunos e substituição de carteiras convencionais por mesas de trabalho, além de muitos laboratórios.

No Einstein, a disposição dos alunos é semelhante. Turmas de 60 pessoas são divididas em nove grupos, que trabalharão juntos até o fim do semestre. Plataformas de gamificação como o Kahoot entram no dia a dia, assim como desafios que simulam o mecanismo das escape rooms, por exemplo. Cada tarefa resolvida “destrava” uma nova, até chegar a um “vencedor”.

Os temas são vistos várias vezes, por meios diferentes. “Em todas as etapas a bagagem aumenta, porque se interpreta e responde a questões em todas elas. Se o aluno mantiver um estudo contínuo, não vai precisar virar a madrugada antes de uma prova, se livra de grandes resumos e técnicas de memorização, porque realmente aprendeu”, completa Elda Stafuzza.

Ensino de autonomia

Alunos e professores também precisam se ajustar a essa cultura. “O ideal é que os docentes façam algum curso preparatório para aplicar as metodologias”, explica Sarita Mazzini Bruschi, presidente da Comissão de Graduação do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (ICMC-USP), em São Carlos, interior do Estado.

Apesar de a autonomia do estudante ser a lei, isso não significa que ele será deixado à própria sorte. “O aluno tem protagonismo, mas não será um protagonista solitário porque sempre terá apoio e tutoria”, resume o professor José Morán, pesquisador de inovações em educação.

Anna Carla Travessa Siervo, 23 anos, que cursa o oitavo semestre de Medicina no Einstein, aprendeu a dar e receber feedbacks dos colegas com empatia e nunca levar críticas como algo pessoal. “De início é uma surpresa ter de conviver e trabalhar em

grupo. Mas aos poucos ‘vira uma chave’ sobre as possibilidades que temos ao confiar nos colegas.”

Comportamento e emoções

Estudante do terceiro ano de Engenharia Civil no Mauá, Letícia Cirila Xavier Pereira, 20 anos, confirma que colocar a mão na massa é, além de lúdico, grande aliado da aprendizagem. “Geralmente as aulas em que mais me divirto aprendendo são as de laboratório, como mecânica dos solos e materiais de construção, pois fazemos os ensaios e interpretamos os resultados. É mais fácil de visualizar.”

Competências comportamentais também são destaque. Letícia já aplica o que aprendeu no estágio. “As atividades colaborativas me ajudam a ser mais curiosa e a entender melhor o que estou fazendo nas minhas atividades, tanto dentro da própria Mauá quanto no meu trabalho”, conta.

METODOLOGIAS MAIS COMUNS

Design thinking: estratégia que ajuda na criação de soluções para problemas, tendo por base propostas individuais dos estudantes.

Estudo baseado em problemas (Problem Based Learning - PBL): utiliza problemas ou situações significativas para promover o aprendizado, unindo teoria e prática.

Ferramentas digitais colaborativas: permitem a colaboração dos alunos para o aprendizado. Google Docs, Padlet e Mentimeter são algumas delas.

Gamificação: uso de jogos como estratégia para atividades pedagógicas.

Sala de aula invertida (Flipped Classroom): os alunos estudam o conteúdo antes da aula, que passa a ser onde se discute e se trabalha com o conteúdo estudado previamente.



CRÉDITO: DIVULGAÇÃO

Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein

Por Diego Brito

Catalisadores de ideias

Universidades apostam em agências de inovação para incentivar criação e empreendedorismo na graduação

Um “cantinho misterioso” logo na entrada do Insper, na Vila Olímpia, em São Paulo, chamou a atenção do estudante de Engenharia Mecânica Pedro Célia, de 22 anos, desde o primeiro semestre da graduação. Quando ele tomou coragem e entrou na sala, um leque de oportunidades se abriu para o aluno, que, dali para frente, entrou de cabeça no mundo da inovação e do empreendedorismo.

O lugar em questão era o Hub de Inovação Paulo Cunha, espaço no Insper para os estudantes criarem e desenvolverem novas tecnologias e negócios. Foi o que aconteceu com Pedro. No penúltimo ano da faculdade, ele desenvolveu com um colega de curso uma solução inovadora na sua área de atuação: um processo de impressão 3D que se equipara às injetoras de grandes indústrias.

De acordo com Pedro, a “receita do bolo” que eles criaram para a impressão 3D tem como diferencial qualidade, flexibilidade e custo-benefício em comparação com as injetoras. O estudante afirma que a tecnologia de impressão 3D ainda “tem muito a oferecer” e, por isso, eles conseguiram criar “algo totalmente novo”.

“Teve um momento em que a gente parou e pensou: ‘opa, isso aqui é novo, ninguém nunca fez’. Imprimir peças na impressora 3D e depois finalizar com a usinagem trouxe uma qualidade absurda e acima do proporcionado pela injetora”, diz. Atualmente, o projeto criado com o colega de faculdade é utilizado na empresa Braskem.

Empolgado com os próximos passos, Pedro ressalta a importância de ter um espaço de inovação dentro da faculdade. “Inovação é uma das tendências dentro das empresas e, quando você tem contato com essa área logo de cara, você entende como são os processos e fica mais fácil desbravar o mundo de ideias.”

Encarando desafios

O investimento em inovação não é exclusividade do Insper e da Braskem. Cada vez mais a iniciativa privada e as instituições de ensino estão de olho nas novas tecnologias que criam soluções para as empresas e também trazem impactos positivos para a sociedade.

O levantamento “Práticas de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Tecnologia da Informação e Comunicação”, realizado pela Deloitte em parceria com o Instituto Eldorado, mostra que a

quantidade de empresas brasileiras que investem em inovação aumentou 24% entre 2019 e 2022. A porcentagem de negócios que destinam verba para pesquisa na área passou de 45% para 69%.

A maioria das 102 empresas que participaram do último levantamento trabalha com inovação aberta – quando há parceria com universidades e outras instituições. Head do Hub de Inovação e professor do Insper, Rodri-

go Amantea afirma que é fundamental o contato entre estudantes, universidades e empresas em um mundo cada vez mais dinâmico e inovador.

“As empresas trazem os desafios para as faculdades e os alunos fazem as pesquisas aplicadas para construir soluções. Há tanto uma ótica de resolver problemas, como uma ótica de aproveitar a oportunidade. As empresas precisam correr atrás de uma adaptação e isso de-

manda profissionais que consigam usar processos inovadores”, pontua Amantea.

Filipe Braga Ivo, 40 anos, é diretor comercial da empresa Pipefy, que desenvolve softwares para automação de fluxos de trabalho. Com mais de 12 anos de experiência na área de inovação e tecnologia, ele ressalta que o mercado de trabalho procura hoje pessoas que estão em constante processo de aprendizado por causa da transformação digital.

“Falar inglês era diferencial, hoje é básico. Trabalhar com inteligência artificial é um diferencial no momento, mas no futuro pode ser algo básico. Para se manter competitivo, é preciso aprender e se reinventar”, afirma o executivo. “O que há de mais inovador hoje ainda é automatizar operações com robotização e inteligência artificial. Para ter essas habilidades, só com um constante processo de aprendizagem.”



O aluno Pedro Célia trabalhando no Hub de Inovação do Insper

FOTO: DIEGO PADGURSCHI

Agências de inovação também ganham cada vez mais espaço em universidades públicas, como a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O último relatório da Inova, da Unicamp, revelou que as empresas-filhas da universidade bateram recorde de empregos gerados e faturamento.

As empresas-filhas são negócios criados por alunos, ex-alunos, professores, ex-professores, funcionários ou ex-funcionários da Unicamp, além das empresas que foram incubadas na instituição de ensino ou criadas a partir de uma tecnologia desenvolvida na universidade.

Segundo o relatório, as 1.156 empresas-filhas ativas geraram 47.156 postos de trabalho este ano – 2.532 novos empregos em comparação com 2022. Além disso, o faturamento anual chegou a R\$ 25,9 bilhões em 2023, aumento de 32% em relação ao ano anterior.

Inovar é preciso

Hoje com 42 anos, Glauco Pereira entrou no mundo da inovação quando tinha apenas 23 anos e estudava Enge-

O jogo do ganha-ganha nas universidades públicas



FOTO: PEDRO AMATUZZI / INOVA UNICAMP

Ex-aluno, Glauco Pereira (em pé, de blusa preta) passou pela agência de inovação da Unicamp e hoje tem a sua startup

comum as clínicas veterinárias utilizarem produtos fabricados para cirurgias em humanos.

Diretor executivo associado da Inova Unicamp, Renato Lopes afirma que a inovação é essencial neste momento de mudanças tecnológicas. “Se você parar de inovar, você se torna obsoleto. A inovação no mercado de trabalho e na formação pessoal se tornou uma questão de sobrevivência.”

Por outro lado, Lopes também ressalta o viés social do tema. “A maioria dos empreendedores que são bem-sucedidos não inovam somente pelo dinheiro, mas também para mudar o mundo com suas criações.”

nharia Elétrica na Unicamp. A empresa que ele fundou com mais cinco familiares – três deles também ex-alunos da universidade – é uma das empresas-filhas da instituição de ensino de Campinas.

“Os espaços de inovação

dentro das universidades são grandes catalisadores de ideias. Uma boa universidade te dá as ferramentas necessárias para criar e inovar”, afirma Pereira ao lembrar dos primeiros passos que deu na agência de

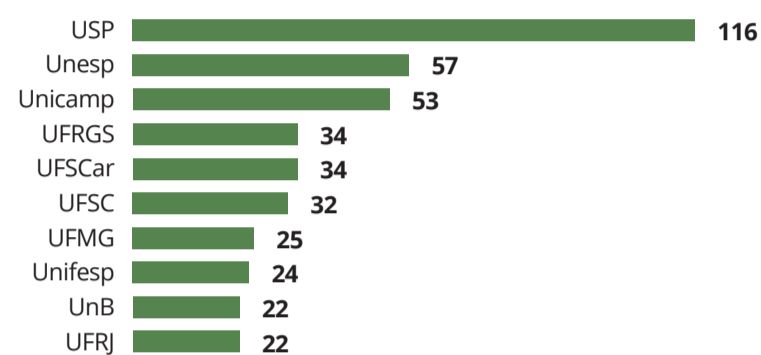
inovação da Unicamp.

A empresa de Glauco produz equipamentos cirúrgicos feitos sob medida para animais, que podem ter diversos tamanhos e formas. Algo que até parece simples, mas é bastante inovador, já que é

As melhores faculdades públicas

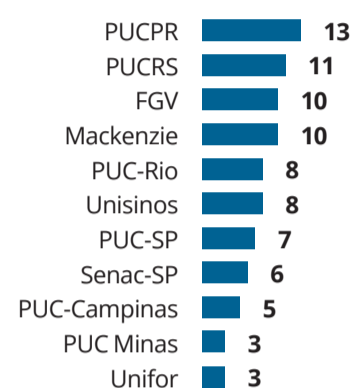
Regiões Sul e Sudeste concentram 9 das 10 instituições com maior quantidade de cursos com 5 estrelas no 'Guia da Faculdade' 2023

Instituições com mais cursos 5 estrelas

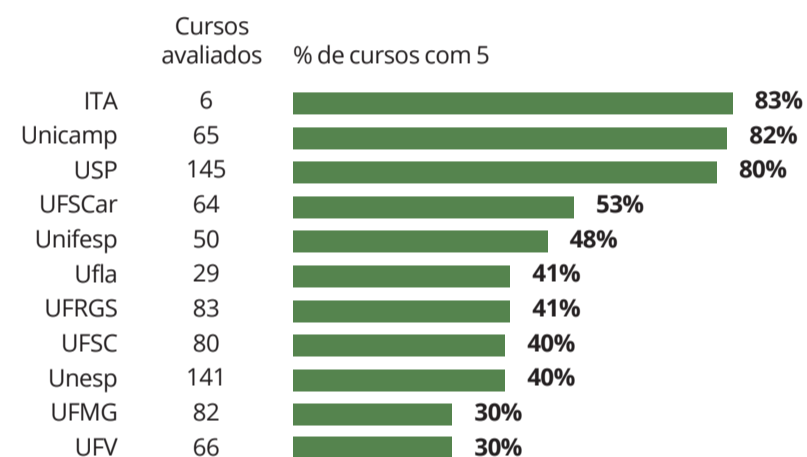


As melhores faculdades privadas

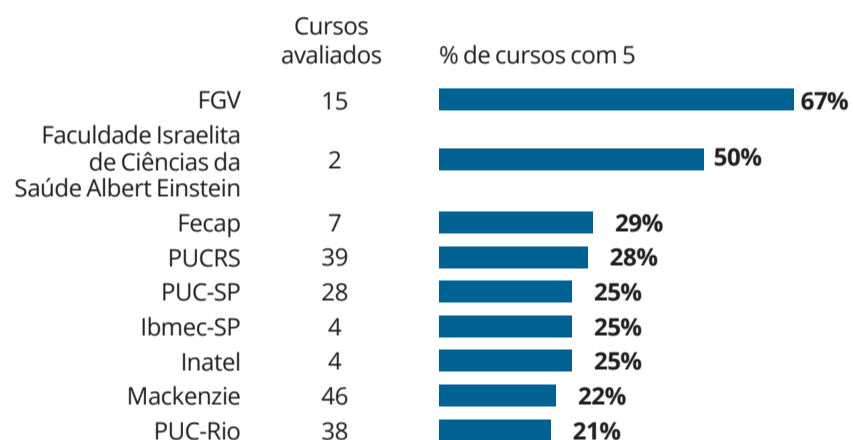
As PUCs seguem como referência, com a presença de seis instituições entre as 11 com maior número de cursos com 5 estrelas



Maior percentual de cursos 5 estrelas*



As instituições públicas reúnem 86% dos cursos 5 estrelas no **Guia da Faculdade**. A participação das faculdades privadas nesse seleto grupo caiu: em 2022 elas tiveram 145 cursos com a nota máxima; este ano foram 115



Entre os 824 cursos com nota máxima este ano, apenas 11 são oferecidos na modalidade de ensino a distância. Por carreira, o destaque fica para Ciências Biológicas, com 42 graduações superestreladas

*Entre as instituições públicas com um mínimo de dois cursos avaliados

Uma espiadinha no futuro

Estudiosos de futuro avaliam os sinais para mostrar como começar uma carreira próspera e no que a nova geração de universitários precisa investir



Imagem gerada pela inteligência artificial do Canva

Por Wilson Dell'Isola

Coloque-se na pele de um jovem que se prepara para ingressar na próxima geração de universitários. Vamos assumir que este estudante será diplomado em 2030 para, então, passar pela linha de largada do mercado de trabalho. O que espera por ele num futuro que parece próximo, mas que ao mesmo tempo se mostra tão volátil e recheado de incertezas?

As respostas, ainda que naturalmente cheias de "poréns", indicam contornos de cenários que vão exigir atributos técnicos, mas também socioemocionais, indicam os especialistas em futuro.

Na visão de Carlos Piazza, especialista em estudos do futuro, formado pela Millennium Project, para entender a situação proposta é preciso visualizar antes o contexto no qual ela estará inserida. A começar, na sua avaliação, pelo descompasso oferecido pelo esgotamento de modelos econômicos aliado ao avanço da chamada 5ª Revolução Industrial, que é a convergência entre homem e máquina.

"Em 2030, o nível de incertezas vai aumentar bru-

talmente com um cenário caótico e dessincronizado. Como base está a sociedade do consumo, com produção e volume em massa, para consumidores em massa e que gera lixo em massa, num processo que nos leva a perder o nosso próprio hábitat", explica o fundador da CPC Consultoria.

Aprendizagem contínua

Para Piazza, essa nova geração de profissionais será treinada para corrigir rotas. "Ela tenderá, como necessidade, a ser regenerativa. Diferente das anteriores, que foram treinadas para serem especialistas, no futuro, a polimatia [estudar e aprender sobre diferentes áreas] será algo requerido porque trata de toda a cadeia de impactos."

Um polímata domina diversos campos do conhecimento. Necessita aprender muito além do que pode oferecer um curso regular da faculdade e segue ao encontro do conceito conhecido por "lifelong learning" ("aprendizado ao longo da vida", na tradução livre). Ideia vista como necessária pela economista e pensadora de futuros Lília Porto: "O importante será a aprendi-

zagem contínua, aprimorando habilidades que o profissional já tem e desenvolvendo outras, tanto técnicas como de soft skills, aquelas relacionadas à personalidade e ao comportamento humano. No fim do dia, as pessoas vão precisar se atualizar cada vez mais para que suas habilidades não sejam substituídas pelas máquinas e pelos algoritmos". A frase soa implacável, mas encontra sinais nítidos na realidade, especialmente num momento em que a IA (*Inteligência Artificial*) mostra suas credenciais.

Parte indeclinável do processo, as instituições de ensino também têm o desafio de acompanhar a movimentação para entregar condições aos estudantes – e futuros profissionais. Na ESPM, por exemplo, Cristina Helena Pinto de Mello conta que a universidade, da qual é diretora da Área de Sucesso Docente e Discente, volta os currículos para tópicos nesta direção: "Incluimos uma linha de conteúdo a partir de cursos voltados para o desenvolvimento de soft skills, de letramento digital e de metacognição, que preparam o aluno para o lifelong learning".

E as profissões?

Apesar de a automação tornar muitas funções obsoletas, no curto prazo haverá mais vagas criadas do que eliminadas. É essa uma das conclusões do mais recente relatório anual "O Futuro do Trabalho", do Fórum Econômico Mundial. Na esteira, porém, vem a expectativa de alta rotatividade por causa do aumento da digitalização.

O documento traz no top-5 as seguintes profissões para o futuro: especialista em IA e aprendizado de máquina; especialista em sustentabilidade; analista de inteligência de negócios; analista de segurança da informação; e engenheiro de fintech.

"O relatório indica as áreas que vão crescer, como tecnologia e economia verde. Então, é preciso estar atento e saber que a demanda vai orbitar nessas esferas", pontua Lília Porto, que também é fundadora e CEO da plataforma O Futuro das Coisas.

"Nós temos que, sistematicamente, mudar para permanecer. É preciso ter muita plasticidade, capacidade de se moldar às novas realidades", finaliza Carlos Piazza.

Habilidades cada vez mais necessárias

Nem só de competências técnicas se faz um bom currículo de formação em um curso interdisciplinar

Ser humanitário

Foco nas pessoas

- Facilitar os diálogos, intermediar conflitos com serenidade e imparcialidade, usar CNV (Comunicação Não Violenta)
- Ter empatia e escuta ativa
- Impulsionar a colaboração
- Dedicar-se ao autoconhecimento
- Investir em aprendizagem contínua
- Criar um ambiente de trabalho com cultura positiva, equidade, inclusão e diversidade

Ser tecnológico

Foco na experiência do time, do usuário e do cliente

- Ter letramento digital e tecnológico
- Ser agente de mudanças
- Identificar tecnologias com potencial disruptivo
- Enxergar cenários, desafios, riscos e oportunidades
- Desenvolver pensamento sistêmico e complexo
- Ter pensamento analítico

Ser inovador

Foco nas pessoas e em suas necessidades

- Dar abertura para novas ideias
- Ter coragem de se arriscar
- Apresentar mindset ágil
- Ser intraempreendedor
- Incentivar a ideação e a experimentação
- Desenvolver o pensamento inovador e estratégico
- Ser criativo

Pensamento em futuros

Foco na sociedade em futuro

- Ter letramento em futuro
- Tomar decisões
- Ser otimista e ter senso de oportunidade
- Ser colaborativo
- Ter flexibilidade cognitiva

Uma nova trilha na graduação

Cresce a oferta dos cursos interdisciplinares, que abrem a possibilidade de diferentes formações para o aluno escolher durante a faculdade



FOTO: MONIQUE SCANTAMBURLO - ACIU/FABC

Universidade Federal do ABC foi pioneira na implementação da graduação interdisciplinar

Por Felipe Pedreira

Ainda pouco conhecida, uma nova forma de fazer faculdade vem ganhando espaço. Nas chamadas graduações interdisciplinares, a ideia principal é iniciar a formação dos alunos com um ciclo de conhecimentos básicos em uma grande área, oferecendo em seguida flexibilidade na escolha de em qual carreira se especializar. Para vestibulandos ainda com dúvidas na hora de se inscrever em um curso, é uma opção interessante.

Inicialmente, esse tipo de formação começou a ser ofertado em algumas universidades federais. Foi a Universidade Federal do ABC (UFABC), criada em 2005 na região do ABC Paulista, que lançou o primei-

ro Bacharelado Interdisciplinar do Brasil. Hoje, segundo os dados levantados no **Guia da Faculdade** deste ano, já são 38 instituições que oferecem quase 100 cursos interdisciplinares no País, inclusive em algumas instituições privadas das Regiões Sul e Sudeste.

A formação mais generalista nos primeiros anos da faculdade segue uma tendência cada vez mais valorizada no mercado de trabalho. "Os alunos aprendem a analisar informações de diversas disciplinas, identificando padrões, conexões e contradições. São incentivados a questionar premissas e a avaliar argumentos de maneira crítica, promovendo a resolução de problemas complexos, o trabalho

em grupo, a integração do conhecimento, a liderança e a gestão", explica Jussara Goulart da Silva, coordenadora do curso de Administração da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em Minas Gerais.

Na prática

Após a finalização do ciclo básico, os graduados têm a possibilidade de complementar o curso com as áreas específicas, que também são conhecidas como "opcionais". Enquanto nos cursos tradicionais os alunos seguem uma estrutura curricular mais rígida do começo ao fim, nos interdisciplinares eles podem definir o caminho que querem seguir a partir dessas opções. Com a vantagem de ganha-

rem mais tempo e maturidade para escolher no que pretendem se especializar.

Outro ponto positivo é a chance de se formar em várias graduações em um prazo de tempo menor. Em algumas instituições, por exemplo, é possível sair com o diploma de três cursos diferentes em 10 anos de estudo, o que, numa formação tradicional, levaria de 12 a 15 anos. Para o professor Estélio Henrique Martin Dantas, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), a interdisciplinaridade é essencial para enfrentar os desafios contemporâneos e está se tornando um ativo valioso tanto no ambiente de trabalho quanto na comunidade em geral.

Alunos são incentivados a avaliar argumentos de forma crítica, promovendo a resolução de problemas complexos, o trabalho em grupo, a integração do conhecimento, a liderança e a gestão

JUSSARA GOULART DA SILVA, coordenadora do curso de Administração da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Uma entrada, várias saídas

Confira alguns exemplos de trajetórias de formação em um curso interdisciplinar

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA (UFSB)

Ciclo básico: Bacharelado Interdisciplinar de Artes

Opcionais: Audiovisual
Jornalismo
Artes Visuais
Produção Sonora
Teatro
Dança
Performance

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO (UNIFESP)

Ciclo básico: Bacharelado Interdisciplinar de Ciência e Tecnologia

Opcionais: Engenharia Biomédica
Engenharia de Computação
Engenharia de Materiais
Biotecnologia
Ciência da Computação
Matemática Computacional

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC (UFABC)

Ciclo básico: Licenciatura Interdisciplinar de Ciências Naturais e Exatas

Opcionais: Ciências Biológicas
Física
Matemática
Química



FOTO: SAMUEL OBAIASSI - ACIU/FABC

Ciclo básico marca graduação interdisciplinar

Os melhores Interdisciplinares

Artes Visuais

★★★★

Teixeira de Freitas: UFSB (LI)

Ciência e Tecnologia

★★★★★

São José dos Campos: Unifesp (BI)

Ciências Econômicas

★★★★

Varginha: Unifal-MG (BI)

Ciências Humanas

★★★★★

Itabuna: UFSB (BI), Redenção: Unilab-CE (BI), São Luís: UFMA (LI)

Ciências Naturais e Exatas

★★★★

Porto Seguro: UFSB (BI), Teixeira de Freitas: UFSB (LI), Jandaia do Sul: UFPR (LI), Laranjeiras do Sul: UFES-PR (LI), Palotina: UFPR (LI)

Linguística

★★★

Itabuna: UFSB (LI), Porto Seguro: UFSB (LI), Teixeira de Freitas: UFSB (LI)

Saúde Coletiva

★★★★★

Curitiba: PUCPR (BI)

